



doi: 10.20396/rfe.v12i3.8658866

As Contribuições Filosóficas de Marx para a Construção da Dialética e para a Filosofia

Marx's Philosophical Contributions to the Construction of Dialectics and Philosophy

*André Luiz Alvarenga de Souza¹**Alexandra Ayach Anache²**Carina Elisabeth Maciel³*

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar a teoria dialética de Karl Marx, evidenciando suas contribuições para a filosofia. Por meio de uma revisão bibliográfica, que visa descrever as principais teorias sobre o assunto, será apresentado ao leitor que o ponto de partida para o pensamento de Marx é uma crítica a toda filosofia hegeliana, sendo a partir do confronto de ideias com o Filósofo Hegel e da esquerda hegeliana, que Marx vai construir as bases para o seu pensamento filosófico. Sua teoria que posteriormente seria chamada

¹ DRº h.c. Ciências da Educação pela UNIVERSITY FLORIDA USA- Doctor Honoris Causa in Education Sciences by University Florida USA. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul ? UFMS com a tese doutoral O Acesso e Permanência do Estudante com o Transtorno do Espectro Autista nas Universidades Públicas Federais do Centro Oeste, Mestre em Administração pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -UFMS, Graduado em Administração, Serviço Social, Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, Licenciado em Pedagogia, Licenciado em História, MBA em Gestão de Pessoas, Pós Graduado em Educação a Distância e Tecnologias Educacionais, Pós Graduado em Transtorno do Espectro Autista e Transtornos Globais do Desenvolvimento, Pós Graduado Psicopedagogia Clínica e Institucional, Pós Graduado em Neurociência

² Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (1984), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1991) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1997). Pós Doutorado em Educação na Universidade de Brasília, com ênfase em educação especial. É professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Ensino e da Aprendizagem, e avaliação psicológica, atuando principalmente nos seguintes temas: educação especial, deficiência intelectual, educação, psicologia e educação inclusiva.

³ Carina Elisabeth Maciel é professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, atua no Programa de Pós-Graduação em Educação, desenvolve atividades na educação a distância e em cursos de graduação presenciais da mesma instituição. Concluiu Pós-doutorado em Educação pela UNEMAT em 2016. Doutora em educação pela UFMS em 2009. Mestre em educação pela Universidade Católica Dom Bosco - UCDB em 2005. E licenciada em Pedagogia pela UFMS em 1991. Atua na área de educação, com ênfase em políticas de educação superior e educação especial. Pesquisadora da Rede Universitas/Br na qual participa do Projeto Integrado Políticas, Gestão e Direito à Educação Superior: novos modos de regulação e tendências em construção.

de materialismo histórico dialético pelos seus interpretes, seria uma síntese da dialética hegeliana e do materialismo de Feuerbach, sendo concebida como um conjunto de leis que explicam a evolução da natureza como uma relação determinada por elementos da economia, sociedade e história. Essa idéia utópica compartilhada por Marx, Engels e seus sucessores foi refutada por desenvolvimentos subsequentes da filosofia. De fato, a filosofia, por sua própria natureza, é pluralista e interminável.

Palavras-chave: Materialis dialetico, Karl Marx, filosofia.

Abstract:

This article aims to analyze the dialectical theory of Karl Marx, evidencing his contributions to philosophy. Through a bibliographical review, which aims to describe the main theories on the subject, it will be presented to the reader that the starting point for Marx's thought is a critique of all Hegelian philosophy, being from the confrontation of ideas with Philosopher Hegel and from the Hegelian Left, that Marx will build the basis for his philosophical thinking. His theory that would later be called dialectical historical materialism by his interpreters would be a synthesis of Feuerbach's Hegelian dialectic and materialism, being conceived as a set of laws that explain the evolution of nature as a relation determined by elements of the economy, society, and story . This utopian idea shared by Marx, Engels, and his successors was refuted by subsequent developments in philosophy. In fact, philosophy, by its very nature, is pluralistic and endless.

Keywords: Dialectical materialis, Karl Marx, philosophy.

Introdução

Karl Marx (1818-1883) foi um filósofo alemão que exerceu e exerce grande impacto na formação do pensamento social e político. Estudou Direito nas Universidades de Bonn e de Berlim, doutorando-se pela Universidade de Iena (1841), com uma tese sobre a filosofia da natureza de Demócrito e de Epicuro. Associou-se os “jovens hegelianos de esquerda”, escrevendo em jornais socialistas. Depois de um intenso período de militância política, marcada pela fundação da Liga dos Comunistas (1847),

exilou-se na Inglaterra (1849), desenvolvendo suas pesquisas e escrevendo grande parte de sua obra.

A análise de Marx sobre como o capitalismo criou classes socioeconômicas no mundo industrial era baseada em algo mais que pura teorização e, como tal, foi um dos primeiros estudos “científicos” da sociedade a oferecer uma explicação completa da sociedade moderna em termos econômicos, políticos e sociais. No processo, ele apresentou vários conceitos que se tornaram centrais ao pensamento sociológico posterior, especialmente na área das classes sociais, como o conflito e a consciência de classe e as noções de exploração e alienação.

Além de desempenhar grande influência nas ciências sociais, sendo um dos pais da sociologia, o pensamento filosófico de Marx, também exercer grande entusiasmo para o pensamento científico. A filosofia marxista seria uma síntese da dialética hegeliana e do materialismo. Do primeiro, Marx absorve o método dialético, mas rejeita o conteúdo idealista. Do segundo, ele retém o fundamento materialista, mas sem sua visão estática da realidade material. É desta combinação que resta o denominado “materialista dialético”.

Partindo desse pressuposto, o presente artigo tem como objetivo analisar a teoria dialética de Marx e suas contribuições para a filosofia. Esse estudo tem como base uma pesquisa bibliográfica, que visa alcançar o objetivo proposto.

Inicialmente, será feita uma revisão bibliográfica para descrever as teorias que abordam as teorias marxistas sobre o tema proposto, tendo como ponto principal a teoria dialética. A revisão bibliográfica será feita mediante leitura sistemática, e com fichamentos de cada obra, de modo a ressaltar os pontos pertinentes sobre o assunto e nos estudos abordados pelos autores. A pesquisa será realizada através de livros e artigos disponibilizados nas plataformas de artigos científicos.

Os Significados da Dialética

A dialética sempre esteve presente na história da filosofia, mas com vários significados, aparentados entre si, mas não redutíveis uns aos outros ou a um significado comum. A filosofia distingue quatro significados fundamentais para a palavra dialética: método da divisão, lógica do provável, lógica e síntese dos opostos. Esses quatro conceitos se originaram de quatro doutrinas: a platônica, a aristotélica, a estoica e a hegeliana.

Platão formulou o conceito de dialética como método da divisão. Para ele, era uma técnica ou um método de pesquisa que necessitava da colaboração de duas ou mais pessoas. Era o método socrático de perguntas e respostas.

O conceito de dialética como lógica do provável foi formulado por Aristóteles. Para ele, a dialética era simplesmente um processo racional não demonstrativo, em forma de silogismo, que são premissas prováveis, isto é, geralmente admitidas, e não verdadeiras.

Os estoicos identificavam a dialética com a lógica, e não com a retórica. Consideravam a retórica como a ciência do bem falar, do discurso. A dialética seria a ciência do discurso, consistindo em perguntas e respostas.

O conceito de dialética como síntese dos opostos foi usado pela primeira vez pelo filósofo Johann Gottlieb Fichte, em *Doutrina da ciência*, em 1794, como “síntese dos opostos por meio da determinação recíproca”. Em sua concepção Hegel, tinha que a dialética era “a própria natureza do pensamento”, portanto, seria a resolução das contradições em que a realidade finita, que, como tal, é objeto do intelecto, permanece enredada. Karl Marx foi profundamente influenciado por Hegel, adotando seu arcabouço dialético.

A Dialética de Hegel

Para compreender a dialética materialista de Marx, é necessário compreender o pensamento do filósofo alemão George Hegel, seu principal influenciador.

É importante, antes de tudo, ressaltar qual o sentido da filosofia de Hegel. Segundo ele, é a expressão mais elevada do espírito absoluto e tem a

tarefa de compreender aquilo que é, não lhe sendo possível afirmar ou descrever como o mundo deve ser, por surgir sempre depois. Por isso, seria como a “ave de Minerva” (a deusa da sabedoria), que “só levanta voo ao anoitecer”, isto é, quando o curso da realidade já está concluído.

A dialética hegeliana é formada por três momentos: o primeiro é a tese, definida como afirmação ou como uma situação inicial dada; o segundo é a antítese, a negação da afirmação, também identificado como *oposição à tese*. Do conflito entre a tese a antítese surge a síntese. A negação da negação, que é vista como uma nova afirmação, isto é, uma situação nova que traz consigo elementos desse embate.

A síntese é uma nova tese, que encontra uma nova antítese, gerando uma nova síntese, em um processo infinito. Esses três momentos, tese, antítese e síntese, Hegel chamou respectivamente de intelectual, dialético especulativo e positivo racional. Por ter criado o terceiro tempo da dialética (a síntese), Hegel é considerado o criador da dialética moderna, que mantém a contradição como configuradora da substância da realidade.

Para Sucupira Filho, o ser de uma coisa finita, simboliza o ‘trazer em si o germe de sua destruição; sua morte [...] tudo caminha para seu fim através do choque de contradições [...] e a contradição é, pois, para Hegel, a fonte de todo o movimento e de toda a vida (SUCUPIRA FILHO, 1983. p. 68).

Segundo esse autor, a dialética é um movimento como um todo, principalmente no resultado positivo e na realidade substancial. Para ele, há uma identificação do racional com o real. Nas suas próprias palavras, “o que é real é racional” (SUCUPIRA FILHO, 1983, p. 68). Portanto, não se poderia negar o real, caso contrário se estaria negando a razão. Hegel acreditava que a dialética não só era a lei do pensamento, mas a lei da realidade e dos seus resultados; não tratava de conceitos puros ou abstratos, mas concretos, isto é, da realidade verdadeira e necessária, determinações ou categorias eternas.

A realidade move-se dialeticamente e a filosofia hegeliana vê em tudo a tríade formada por tese, antítese e síntese, em que a síntese é

Aufheben, isto é, superada e guardada. É importante salientar que a tríade não é um método, mas algo que deriva da própria dialética, da natureza das coisas. É importante esclarecer o que seria, segundo Hegel, o conceito de *Aufheben* na dialética do Ser e do Nada: este é apresentado, pois como não ser ou como superado e assim não simplesmente como Nada, mas como Nada determinado ou um Nada de um conteúdo, ou seja, do ser, (TREIN, 1991. p.142), desta forma apresenta o seu sentido duplo verdadeiro, o que vimos no negativo; ele é ao mesmo tempo um negar e um conservar o Nada, como o Nada do este, conserva a imediatidade e é ele próprio sensível, mas (é) uma imediatidade universal.

Segundo Hegel, a dialética é a única forma pela qual é possível alcançar a realidade e a verdade como um movimento interno da contradição. Esse movimento seria a ferramenta fundamental das coisas, da substância. “A realidade não é apenas Ser, ela não é, por igual, apenas Não Ser. A realidade é uma tensão que liga Ser e Não Ser” (CIRNE-LIMA, 1996. p.19). O filósofo pré-socrático Heráclito já dizia que a verdade é o fluxo eterno dos contraditórios, mas se equivocou ao julgar que os contraditórios eram pares de termos opostos. No sistema hegeliano, a verdadeira contradição dialética tem duas características principais: a contradição de seus predicados e a negação interna.

Segundo Hegel, a dialética não se resume à afirmação e à contrariedade, pois é também consenso. Da discussão em forma de diálogo, na qual se apuram as diferenças entre a tese e a antítese, surge a síntese, uma conclusão que reúne o que existe de bom na tese com o que existe de bom na antítese.

De forma resumida, Franklin Trein (1991) apresenta em seu *Curso de filosofia* a dialética presente a filosofia hegeliana:

- (a) dialética do ser: “o ser e o nada é um e o mesmo”;
- (b) dialética da essência: “A essência é o ser enquanto aparece (Scheinen) em si mesmo”;
- (c) dialética do conceito: “O conceito é a unidade

[dialética] de ser e essência”; (d) dialética da relação entre ser, essência e conceito: “[...] a essência é a primeira negação do ser, o qual desta forma se torna aparência; o conceito é a segunda, ou a negação dessa negação, isto é, o ser recuperado, porém enquanto infinita mediação e negatividade do mesmo em si próprio”; (e) dialética do ser, da essência e movimento do conceito: “transformar-se em outro é o processo dialético na esfera do ser e aparecer em outro [é o processo dialético] na esfera da essência. O movimento de conceito é, pelo contrário, desenvolvimento, através do qual ele só se torna aquilo que já contém em si próprio”. (f) dialética da ideia (absoluta): “A lógica representa assim o movimento próprio da ideia absoluta somente enquanto palavra originária, a qual é uma expressão, mas uma tal que, como exterior, desaparece imediatamente outra vez nisso que ela é”; [...] a ideia é pois para ser percebida somente nessa determinação própria, ela existe no pensamento puro, no qual a diferença ainda [não tem] nenhum ser-outro, senão que é e permanece completamente transparente (TREIN, 1991, p.135).

Diante ao arcabouço teórico trazido a baila por Franklin Trein (1991), podemos observar questões sobre a dialética do ser bem como frisou bem o conceito de unidade dialética, dando acesso ao materialismo dialético na abordagem a seguir.

Materialismo Dialético

A expressão materialismo dialético não foi criada por Marx, mas pelos seus interpretes. É chamado de materialismo dialético porque sua

abordagem aos fenômenos da natureza, seu método de estudá-los e apreendê-los, é *dialética*, enquanto sua interpretação dos fenômenos da natureza, sua concepção desses fenômenos e sua teoria, é materialista.

Ao descrever seu método dialético, Marx geralmente se refere a Hegel como o filósofo que formulou as principais características da dialética. Isso, no entanto, não significa que a dialética de Marx seja idêntica à dialética de Hegel. De fato, Marx tirou da dialética hegeliana apenas seu "núcleo racional", deixando de lado sua casca idealista hegeliana, e desenvolveu a dialética de modo a emprestar-lhe uma forma científica moderna. Ribeiro (2016) ao descrever seu materialismo, Marx e Engels geralmente se referem a Feuerbach como o filósofo que restaurou o materialismo em seus direitos.

Tendo em vista as contribuições geradas pelos pensamentos da época de Marx e Engels sobre o filósofo Feuerbach, pontua-se ainda dentro da perspectiva de Ribeiro (2016) que, no entanto, não significa que o materialismo de Marx e Engels seja idêntico ao materialismo de Feuerbach. De fato, Marx e Engels tiraram do materialismo de Feuerbach seu "núcleo interior", levando ao entendimento de que o desenvolveram em uma teoria científico-filosófica do materialismo e deixaram de lado seus empecilhos idealistas e religioso-éticos Ribeiro (2016). Por sabemos que Feuerbach, embora fosse fundamentalmente materialista, objetou ao nome materialismo na concepção (RIBEIRO,2016, p.57).

Dialética vem do grego *dialego*, discursar, debater. Nos tempos antigos, a dialética era a arte de chegar à verdade revelando as contradições no argumento de um oponente e superando essas contradições. Havia filósofos na antiguidade que acreditavam que a revelação de contradições no pensamento e o choque de opiniões opostas era o melhor método para se chegar à verdade. Esse método dialético de pensamento, posteriormente estendido aos fenômenos da natureza, desenvolveu-se no método dialético de apreender a natureza, que considera os fenômenos da natureza como estando em constante movimento e sofrendo constantes mudanças e o desenvolvimento da natureza como resultado do desenvolvimento das

contradições na natureza. Em sua essência, a dialética é o oposto direto da metafísica.

Dentro de sua estrutura a dialética é a contraditória do real que no seu movimento constitutivo passa por três fases: a tese, a antítese e a síntese, Martins (2009).

Ela explica-se o movimento da realidade pelo antagonismo entre o momento da tese e o da antítese, cuja contradição deve ser superada pela síntese (MARTINS, 2009, p.234).

Além da contraditória dinâmica do real, outra categoria fundamental para entender a dialética é a de totalidade, pela qual o todo predomina sobre as partes que o constituem. Isso significa que as coisas estão em constante relação recíproca, e nenhum fenômeno da natureza ou do pensamento pode ser compreendido isoladamente fora dos fenômenos que o rodeiam. Os fatos não são átomos, mas pertencem a um todo dialético e como tal fazem parte de uma estrutura.

As principais características do método dialético marxista são as seguintes:

a) Natureza Conectada e Determinada: Ao contrário da metafísica, a dialética não considera a natureza como uma aglomeração acidental de coisas, de fenômenos, desconectados, isolados e independentes uns dos outros, mas como um todo conectado e integral, no qual as coisas, os fenômenos estão organicamente conectados, dependentes e determinados uns pelos outros.

O método dialético, portanto, sustenta que nenhum fenômeno na natureza pode ser entendido se for tomado por si mesmo, isolado dos fenômenos circundantes, na medida em que qualquer fenômeno em qualquer reino da natureza pode tornar-se sem sentido para nós se não for considerado em conexão com as condições circundantes, mas divorciado deles; e que, vice-versa, qualquer fenômeno pode ser

entendido e explicado se considerado em sua conexão inseparável com os fenômenos circundantes, como aquele condicionado pelos fenômenos circundantes (RIBEIRO, 2016. p.52).

b) A natureza é um estado de movimento contínuo e mudança: Ao contrário da metafísica, a dialética sustenta que a natureza não é um estado de repouso e imobilidade, estagnação e imutabilidade, mas um estado de movimento e mudança contínuos, de renovação e desenvolvimento sucessivos, onde algo está sempre surgindo e se desenvolvendo e algo sempre se desintegrando e morrendo.

O método dialético, portanto, requer que os fenômenos sejam considerados não apenas do ponto de vista de sua interconexão e interdependência, mas também do ponto de vista de seu movimento, sua mudança, seu desenvolvimento, seu surgimento e seu abandono.

O método dialético considera importante principalmente não aquilo que no momento dado parece ser durável e, no entanto, já está começando a morrer, mas aquilo que está surgindo e se desenvolvendo, embora no momento dado possa parecer não ser durável, pois o método dialético considera invencível apenas aquilo que está surgindo e se desenvolvendo. Portanto, a dialética, diz Engels, "leva as coisas e suas imagens perceptivas essencialmente em sua interconexão, em sua concatenação, em seu movimento, em sua ascensão e desaparecimento" (MARX E ENGELS, Vol. XIV. p. 23.).

c) Mudança Quantitativa Natural Conduz à Mudança Qualitativa: Ao contrário da metafísica, a dialética não considera o processo de desenvolvimento como um processo simples de crescimento, onde mudanças quantitativas não levam a mudanças qualitativas, mas como um desenvolvimento que passa de mudanças quantitativas insignificantes e imperceptíveis para abrir 'mudanças fundamentais' a mudanças qualitativas. Um desenvolvimento no qual as mudanças qualitativas ocorrem não gradualmente, mas rápida e abruptamente, assumindo a forma de um

salto, de um estado para outro; elas ocorrem não acidentalmente, mas como resultado natural de um acúmulo de mudanças quantitativas imperceptíveis e graduais.

O método dialético, portanto, sustenta que o processo de desenvolvimento deve ser entendido não como movimento em círculo, não como uma simples repetição do que já ocorreu, mas como um movimento para frente e para cima, como uma transição de um estado qualitativo antigo para um novo estado qualitativo, como um desenvolvimento do simples ao complexo, do mais baixo ao mais alto, esta na concepção de Engels que a natureza é o teste da dialética Chinazzo (2013).

Contudo neste diapasão, deve ser dito pela ciência natural moderna que forneceu materiais extremamente ricos e diários para este teste, e assim provou que, em última análise, o processo da natureza é dialético não é metafísico, conforme descreve Chinazzo (2013), e ainda que não se move num círculo eternamente uniforme e constantemente repetido, mas passa por uma história real. Diante tal verificação, podemos observar a menção a Darwin, que desferiu um severo golpe à concepção metafísica da natureza, provando que o orgânico mundo de hoje, plantas e animais e, conseqüentemente, o homem também, é tudo um produto de um processo de desenvolvimento que se renova constantemente durante os milhões de anos (CHINAZZO, 2013. p.41).

Descrevendo o desenvolvimento dialético como uma transição de mudanças quantitativas para mudanças qualitativas, Engels diz:

Na medida em que somos capazes com os meios à nossa disposição para atingir as temperaturas necessárias; finalmente, todo gás tem seu ponto crítico no qual, por pressão e resfriamento adequados, ele pode ser convertido em um estado líquido ... O que é conhecido como as constantes da física (o ponto em que um estado passa para outro - J. São) na maioria dos casos não são senão

designações para os pontos nodais nos quais um aumento (mudança) quantitativo ou diminuição do movimento provoca uma mudança qualitativa no estado do corpo dado, e no qual, conseqüentemente, a quantidade é transformada em qualidade (MARX E ENGELS, Vol. XIV. p. 67).

Dirigindo-se para a química, Engels traz que a mesma pode ser chamada de ciência das mudanças qualitativas que ocorrem em corpos como o efeito de mudanças de composição quantitativa. Nesta conjuntura Marx e Engels trazem a questão do oxigênio e das moléculas, eles consideram que se a molécula contém três átomos em vez dos dois habituais, temos ozônio, um corpo definitivamente distinto de odor e reação do oxigênio comum. Eles questionam sobre o que podemos dizer sobre as diferentes proporções em que o oxigênio se combina com nitrogênio ou enxofre, e cada qual produz um corpo qualitativamente diferente de todos os outros corpos! (MARX E ENGELS, Vol. XIV. p. 68). Dando prosseguimento a esta linha demonstrada por Marx e Engels, entramos nas contradições inerentes a natureza, pois ao contrário da metafísica, a dialética sustenta que as contradições internas são inerentes a todas as coisas e fenômenos da natureza, pois todos têm seus lados negativos e positivos, um passado e um futuro, algo morrendo e algo se desenvolvendo; e que a luta entre esses opostos, a luta entre o velho e o novo, entre o que está morrendo e o que está nascendo, entre o que está desaparecendo e o que está se desenvolvendo, constitui o conteúdo interno do processo de desenvolvimento. O conteúdo interno da transformação de mudanças quantitativas em mudanças qualitativas. O método dialético sustenta, portanto, que o processo de desenvolvimento do inferior para o superior ocorre não como um desdobramento harmonioso dos fenômenos, mas como uma revelação das contradições inerentes às coisas e fenômenos, como uma "luta" de tendências opostas que operam a base dessas contradições. "Em seu sentido próprio", diz Lenin, "a dialética é o estudo da contradição *dentro da própria essência das coisas*" (LENIN, Vol. XIII. p.265).

É fácil entender quão imensamente importante é a extensão dos princípios do método dialético ao estudo da vida social e da história da sociedade, e quão imensamente importante é a aplicação desses princípios à história da sociedade e às atividades práticas do partido do proletariado,

se não existem fenômenos isolados no mundo, se todos os fenômenos estão interconectados e interdependentes, então fica claro que todo sistema social e todo movimento social na história deve ser avaliado não do ponto de vista da "justiça eterna" ou de alguma outra ideia preconcebida, como não é raramente feito pelos historiadores, mas do ponto de vista das condições que deram origem àquele sistema ou àquele movimento social e com o qual estão conectados (CHINAZZO, 2013, p.52).

O sistema escravista seria sem sentido, estúpido e antinatural sob as condições modernas. Mas sob as condições de um sistema comunal primitivo em desintegração, o sistema escravista é um fenômeno bastante compreensível e natural, já que representa um avanço no sistema comunal primitivo. Chinazzo (2013) traz a questão debatida na época sobre a exigência de uma república democrático-burguesa, quando a sociedade czarista e burguesa coexistia, como, digamos, na Rússia, em 1905, era uma demanda compreensível, adequada e revolucionária; já que naquela época uma república burguesa significaria um passo à frente.

Agora, sob as condições da URSS, a demanda por uma república democrática burguesa seria uma demanda sem sentido e contrarrevolucionária; para uma república burguesa seria um retrocesso comparado com a república soviética. (CHINAZZO, 2013. p.51).

É claro que, sem essa abordagem dos fenômenos sociais históricos, a existência e o desenvolvimento da ciência da história são impossíveis; pois somente essa abordagem evita que a ciência da história se torne uma confusão de acidentes e uma aglomeração dos erros mais absurdos.

Além disso, se o mundo está em constante movimento e desenvolvimento, se a extinção do antigo e o crescimento do novo é uma lei de desenvolvimento, então está claro que não pode haver sistemas sociais "imutáveis", "princípios eternos" da propriedade privada e da exploração, não "ideias eternas" da subjugação do camponês ao senhorio, do trabalhador ao capitalista. Assim, o sistema capitalista pode ser substituído pelo sistema socialista, assim como em um tempo o sistema feudal foi substituído pelo sistema capitalista.

Portanto, não devemos basear nossa orientação nos estratos da sociedade que não estão mais se desenvolvendo, embora atualmente constituam a força predominante, mas naqueles estratos que estão se desenvolvendo e têm um futuro diante deles, mesmo que atualmente não constituem a força predominante.

Nos anos oitenta do século passado, no período da luta entre os marxistas e os narodniks, o proletariado na Rússia constituía uma minoria insignificante da população, Paixão (2012), e diante tal realidade eram os camponeses individuais constituíam a grande maioria da população.

Paixão (2012) traz que neste período o proletariado estava se desenvolvendo como classe, enquanto o campesinato como classe estava se desintegrando. Mas existia um motivo fértil a isso nas palavras de (PAIXÃO, 2012, p. 64), E só porque o proletariado estava se desenvolvendo como uma classe, que os marxistas basearam sua orientação no proletariado, eles não estavam enganados, sendo que o proletariado subseqüentemente passou de uma força insignificante para uma força histórica e política de primeira linha.

Portanto, para não errar na política, é preciso olhar para frente, não para trás. Além disso, se a passagem de mudanças quantitativas lentas para mudanças qualitativas rápidas e abruptas é uma lei do desenvolvimento, então fica claro que as revoluções feitas por classes oprimidas são um fenômeno bastante natural e inevitável.

A transição do capitalismo para o socialismo e a liberação da classe trabalhadora do jugo do capitalismo não podem ser efetuadas por mudanças

lentas, por reformas, mas apenas por uma mudança qualitativa do sistema capitalista, por meio da revolução.

Além disso, se o desenvolvimento prossegue por meio da revelação de contradições internas, por meio de colisões entre forças opostas com base nessas contradições e de modo a superar essas contradições, então fica claro que a luta de classes do proletariado é bastante natural e fenômeno inevitável.

A Dialética no Pensamento Marxista

A dialética hegeliana inspirou os fundadores do marxismo, mas à custa de colocá-la de pé, como diz Marx no posfácio à segunda edição de *O capital*:

O fato de a dialética sofrer uma mistificação nas mãos de Hegel impediu, de algum modo, que esse filósofo fosse o primeiro a conseguir expor de modo amplo e consciente suas formas gerais de movimento. O que ocorre é que a dialética aparece invertida nele, de cabeça para baixo. É preciso apenas virá-la, ou melhor, colocá-la de pé, para descobrir sob a casca mística a semente racional (MARX, 1971, Posfácio à segunda edição, p. XXIV).

A dialética de Hegel tem diferenças profundas em relação à de Marx: transcorre no terreno do espírito o mundo é uma de suas manifestações e consiste em um processo de autoconsciência, ao passo que, no pensamento marxista, ela se baseia na praxe social e nas relações econômicas. Mas, sobretudo, a dialética hegeliana supõe uma unidade originária. Trata-se da unificação idealista do sujeito e do objeto ou da tese metafísica de uma ideia indiferenciada, anterior ao desenvolvimento conceitual.

Para que essa unidade alcance sua realização, é preciso a contradição. De modo metafórico, é como se o amor, como uma unidade anterior a seus componentes, existisse antes dos seres que se amam. Mas sabemos que o amor sempre foi dialético, e nesse sentido a contradição dos amantes é constitutiva dele e não um derivado de sua unidade originária (BARCELÓ, 1971).

Além disso, o desenvolvimento dialético é, em boa medida, teleológico. Entretanto, a mistificação hegeliana não impede que se reconheça a característica central de sua dialética: a unidade originária deve, contudo ser negada, contradizendo-se para alcançar outro nível do processo de realização positiva da consciência ou do pensamento. Para Marx, o núcleo racional da dialética hegeliana reside precisamente na contradição e na luta dos opostos como motor do processo histórico.

Portanto, Marx assumiu que a pesquisa dos processos econômicos e do próprio mundo social requer a unidade dos contrários. Essa característica foi essencial na nova dialética proveniente do exame científico da natureza do capital. Essa tarefa envolveu a recusa do idealismo hegeliano de uma unidade previa às contradições, do caráter às vezes teleológico da dialética, assim como da dissolução das contradições no espírito absoluto. Em outras palavras, o autor de *O capital* afirmou que os fenômenos socioeconômicos incluem uma complexidade interna com tendências opostas que conformam sua identidade (PAIXÃO, 2012. p. 74).

Por exemplo, enquanto produto do trabalho social, a mercadoria tem duas propriedades: são valores de uso (satisfazem certas necessidades) e são valores de troca (são intercambiáveis por outros produtos). As duas propriedades estão intimamente vinculadas, já que, por exemplo, um produto que não pode ser vendido não efetivará seu valor de uso. Além

disso, a relação entre o valor de uso e o de troca é conflituosa e, ainda que no capitalismo a segunda se imponha à primeira, para além desse sistema social é possível o predomínio da satisfação igualitária das necessidades sobre a acumulação.

Na teoria de Marx, é crucial que os opostos sejam propriamente antagônicos e que mude sua hegemonia durante o desenvolvimento dos fenômenos. Em termos gerais, a dialética se refere à dinâmica do desenvolvimento e da transformação das totalidades sociais, cujo aspecto motor são as contradições.

Aspectos do enfoque dialético presente em *O capital*: Primeiramente, como já assinalado, Marx se opôs à teleologia imanente do espiritual própria da dialética hegeliana e a substituiu por um compromisso metodológico com a pesquisa controlada dos processos sociais. Em sua obra, deu primazia a um conceito epistemológico de dialética, a ponto de usar o termo como sinônimo de método científico.

Entretanto, pode-se pensar, que esse método supõe, do ponto de vista epistemológico, um realismo científico ou, em todo caso, um realismo crítico dialético não elaborado, que é o suporte metodológico ausente em sua obra (BHASKAR, 1994, p.130).

As relações entre o processo dialético e o mundo real são complexas no pensamento de Marx; pelo menos, não se afirma um tipo de realismo que converta o conhecimento em uma simples expressão de um mundo ontologicamente dialético. As ideias do autor parecem sugerir uma posição epistemológica realista crítica, no sentido de que as formulações produzidas pela ciência econômica ou suas explicações (o que Marx chama de relações essenciais) não coincidem com os fenômenos que são sua manifestação e às vezes se opõem a eles.

Mais ainda, uma ciência seria inútil se as aparências coincidissem com a essência, se aqueles fenômenos coincidissem com as relações essenciais que pretende captar. Pode-se dizer inclusive que os fenômenos (a manifestação dos processos explicativos) “os expressam de modo invertido, como seu contrário” (MARX, 1971, Posfácio à segunda edição, p. XXII).

Contudo ele nunca apresentou argumentos filosóficos para sustentar um realismo crítico nem para diferenciá-lo de outras formas de realismo.

Em segundo lugar, e de um ponto de vista metodológico, Marx empregou um modo de derivação das categorias ao examinar a gênese da forma monetária do valor. A forma simples do valor é um ponto de partida lógico-histórico e não axiomático que dá lugar à forma desenvolvida do valor; depois, à forma total e, finalmente, à forma monetária. Trata-se de estudar as transições e as deficiências de cada forma de valor até chegar ao dinheiro.

As conexões internas que levam de uma forma a outra são diferentes das consequências lógicas que derivam de axiomas, assim como do auto engendramento hegeliano dos conceitos. Segundo Marx, trata-se de uma consequência histórico necessária *sui generis* de uma expressão ideal da história real da constituição do dinheiro. E o que é particularmente importante para nosso estudo não interessam tanto as causas que levaram à substituição histórica de uma forma de valor por outra, até alcançar a forma monetária, e sim sua gênese interna elaborada pela conceituação (PAIXÃO, 2012. p. 83).

Além disso, esse processo de derivação genética ou dialética não é incompatível com a derivação matemática ou lógica, presente na ciência física de sua época. É o caso da comparação matemática entre mais-valia e taxa de lucro feito em *O capital*. “Mais ainda, essa derivação pode ser vista como um momento do estudo genético- estrutural” (ZELENY, 1974. P. 68).

Em terceiro lugar, o tipo de explicação dos processos sociais em desenvolvimento distingue-se do enfoque galileano pertinente para a física moderna, que concebe a causalidade nos termos mecanicista e quantitativo. Esse tipo de relação causa-efeito, é considerado insuficiente por Marx para

dar conta dos processos de autodesenvolvimento que caracterizam o modo de produção capitalista.

Os processos sociais não são equivalentes a um cristal nem a um relógio mecânico, mas sim a um organismo submetido constantemente a processos de transformação. A dialética é um método que põe em relevo a gênese das mudanças reorganizadoras das totalidades sociais. Simultaneamente, ela pode ser concebida como um princípio explicativo da mudança social. Aqui se coloca a seguinte questão relevante: qual é o papel da unidade dos contrários na explicação do desenvolvimento de um sistema socioeconômico? (MARTINS, 2009. p.134).

Em outras palavras, a contradição é imanente à mercadoria e, no processo da produção mercantil, e, portanto, capitalista, adota diversas formas em cada etapa de seu desenvolvimento. Além disso, essa contradição imanente se expressa nos fenômenos do antagonismo social, em contradições relativamente externas. Por último, em um sentido figurado, as contradições são a principal causa (entendida como um momento ativo) de um todo em desenvolvimento, isto é, são em seu próprio dever (interação de diversas camadas de contradições, imanentes e externas) o caminho histórico da dissolução e recomposição de um sistema social (ZELENY, 1974. p. 70).

Enfim, segundo o enfoque de Marx, as mudanças provocadas dialeticamente na sociedade não são inelutáveis. Isto é, a unidade de contrários abrem um leque de resoluções possíveis, sendo que nenhuma deverá ocorrer sem apelação. Em determinadas condições materiais ou de existência dos conflitos pode-se realizar um processo determinado de desenvolvimento dentro de uma totalidade social, mas em outras condições históricas poderia muito bem não se realizar. Nesse sentido, não há um destino de efetivação para algumas das possibilidades abertas pelas

contradições dialéticas. Portanto, as transformações sociais não são provocadas pelo puro acaso nem se devem à pura determinação.

Engels, por sua vez, em *Dialética da natureza*, considerou escolasticamente que é possível formular a dialética mediante leis, e que estas abarcam a totalidade do real, desde a história até a natureza: as leis da dialética se abstraem, portanto, da história da natureza e da história da sociedade humana. Essas leis nada mais são do que as leis mais gerais dessas duas fases do desenvolvimento histórico e do próprio pensamento. E reduzem-se fundamentalmente a três: “lei da troca de quantidade e qualidade e vice-versa; lei da penetração dos contrários; e finalmente, lei da negação da negação” (ENGELS, 1976. p. 159).

Engels expôs a tese da unidade e da luta dos contrários, contra a posição metafísica que rechaça a contradição: tudo muda de raiz sempre que desejamos analisar as coisas em seu movimento, em sua transformação, em sua vida, em sua influência recíproca. Então cairemos imediatamente em um acúmulo de contradições.

Já o movimento é por si uma contradição (...) E o surgimento contínuo, com a solução simultânea dessa contradição, é precisamente o que constitui o movimento (ENGELS, 1976, p.100). Vale assinalar que Engels atribuiu as leis dialéticas, componentes de seu materialismo dialético, à totalidade da matéria em movimento. Isso não foi assumido por Marx; é difícil afirmar que este último tenha identificado as leis do desenvolvimento econômico com as leis da matéria em movimento, ou que tenha estendido a dialética à natureza.

Lenin (Vol. XIII. p. 198) por sua vez, concebeu a unidade dos contrários como igualdade da ação deste. É relevante, sobretudo, sua tese de que essa unidade era apenas temporária, condicional, enquanto que a luta ou antagonismo dos contrários mutuamente excludentes é absoluta.

Tão absoluta como é o movimento ou o desenvolvimento (LENIN, Vol. XIII.p. 203). Além disso, esse pensador concordava com a posição epistemológica de Engels, segundo a qual a dialética do desenvolvimento do pensamento refletia a dialética do mundo objetivo, em que se incluía

basicamente a natureza. A teoria epistemológica do reflexo deu origem a uma série de dificuldades que se revelaram insuperáveis para a interpretação do conhecimento.

Marxismo no Século XXI

A história da dialética no pensamento de inspiração marxista do século XX caracterizou-se pela presença de múltiplas discussões. Algumas versaram sobre sua estrutura, a dinâmica de seus momentos e, inclusive, sobre a possibilidade de atribuir-lhe leis. Outras discorreram sobre o campo de fenômenos que podem ser considerados como conteúdo do processo dialético: a praxes humana a metodologia da pesquisa social e a própria natureza. As polemicas envolveram questões epistemológicas, como o vínculo entre o conhecimento e a realidade, e o tipo de relação que se postula entre a filosofia e a ciência.

A esse respeito, podem ser mencionados muito brevemente certos pensadores influentes no panorama do marxismo anterior à década de 1980. Galvano Della Volpe (1973. p 07) limitou a dialética ao processo metodológico que se realiza em *O capital* e rechaçou a vigência de leis dialéticas objetivas. Isto é, de sua perspectiva, a unificação racional dos contrários tem lugar unicamente no processo de elaboração cognoscitiva da diversidade empírica. Mais ainda, ao situar as contradições na realidade e a unidade unicamente na razão não se produz uma síntese no movimento da realidade. Em poucas palavras, a dialética torna-se antinômica: é constituída por dois termos que não são conciliáveis, sem resolução ou síntese.

Lucio Colletti (1982), por sua vez, utilizou a distinção kantiana entre contradição e oposição real para reformular a dialética dos antagonismos sociais. Fundamentalmente, sua tese é que, se houvesse contradições reais, teria de haver negações reais, o que constitui um problema ontológico. Seria inclusive insustentável para o marxismo introduzir aquilo que é um traço do pensamento no real, que é radicalmente extramental. O esforço filosófico de

Colletti (1982) levou a interpretar os antagonismos sociais como oposições reais.

Na década de 1970, Louis Althusser, de uma posição muito influente, contestou qualquer continuidade da dialética marxista com relação ao pensamento de Hegel, e proclamou uma ruptura epistemológica entre ambos (ALTHUSSER, 1968). De acordo com seu enfoque, a dialética não é simples, mas é sobre determinada, no sentido de que as contradições são inseparáveis da estrutura social e das condições formais de existência, incluindo as instâncias que elas governam. Essa estrutura afeta a contradição no mais profundo do seu ser, convertendo-a em determinante e determinada. Desse modo, o demiurgo do movimento é a metamorfose estrutural da totalidade, e um de seus efeitos é a contradição.

Já Jean Paul Sartre, em sua Crítica da razão dialética, e de uma perspectiva vinculada indiretamente à tradição marxista, mas coincidente com a de outros intérpretes não ortodoxos da obra de Marx (MARCUSE, 1994), assinalou que a dialética foi pensada originalmente nas relações dos homens com a matéria e entre eles mesmos (SARTRE, 1979).

Engels obedece, segundo Sartre (1979) a transferência do movimento da história humana para a natureza elevando a vontade de unificação, mas coloca muitas dificuldades; como explicita (PAIXÃO, 2012. p. 112), por exemplo, a crença de que as leis físico-químicas expressam leis dialéticas baseia-se em deduções que não se apoiam na própria prática das ciências e que são de natureza metafísica.

Rolando García (1976) questionou do ponto de vista epistemológico a atribuição da dialética à natureza, porque se baseia na teoria do realismo por reflexo, que é absolutamente insustentável. Para esse autor, converter a dialética do pensamento em um reflexo da dialética do mundo natural constitui uma inconseqüência inclusive com relação ao pensamento marxista. A objetividade é considerada ingenuamente como anterior ao próprio processo de conhecimento e não é construída, o que equivale a evitar sua dialetização. Ao contrário, uma versão consequente da dialética poderia, tê-la estendido até a objetividade, concebendo está última como

resultado da própria história cognoscitiva. Por outro lado, ao atribuir à dialética do pensamento um estatuto ontológico na natureza, rechaça-se uma exigência que é própria do pensamento dialético: o desenvolvimento de seus momentos se realiza estritamente no próprio devir dá práxis humana.

Considerações Finais

Como outros materialistas de sua época, Marx e Engels afirmaram a primazia do mundo material: em suma, a matéria precede o pensamento. Assim, não há Deus que concebeu o mundo, mas os seres humanos, que são essencialmente seres materiais, conceberam Deus. Além disso, não há espiritual, céu ou inferno além do mundo material.

Todos os fenômenos do universo consistem em "matéria em movimento". Todas as coisas estão interconectadas e se desenvolvem de acordo com natural. O mundo físico é uma realidade objetiva e existe independentemente da nossa percepção dela. A percepção é, portanto, um reflexo do mundo material no cérebro, e o mundo são verdadeiramente conhecíveis, quando objetivamente percebido.

Marx endossou, assim, uma filosofia materialista contra o idealismo de Hegel. No entanto, ele também criticou o materialismo clássico como filosofia idealista de tipo. De acordo com as teses de Feuerbach (1845), de sua autoria e de Engels, a filosofia teve que parar de "interpretar" o mundo em intermináveis debates metafísicos, a fim de começar a "transformar" o mundo. O crescente movimento operário, observado por Engels na Inglaterra e por Marx na França e na Alemanha, engajava-se precisamente nessa revolução transformacional.

Referências

ABBAGNANO, Nicola . *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ALTHUSSER, Louis *revolução teórica de Marx*. México: Siglo, 1968.

BAQUETO, Ricardo . *Dialética e psicologia do desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARCELÓ José Adelino , Garcia José Roberto. *Hegel e a dialética científica de Marx*. Buenos Aires: Centro de Estudios, 1971.

BHASKAR, Roy. *O problema da filosofia e sua resolução*. Londres: Vers, 1994

CHINAZZO, Susana Salet Raymundo. *Epistemologia das ciências sócias*. Curitiba: Intersaberes, 2013.

CIRNE, Lima . *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

COLLETTI, Lucio. *A superação da ideologia*. Madrid: Cátedra, 1982.

DELLA, Volpe Galvano. - Esboço de uma história do gosto. Trad. Manuel

GUSMÃO. Lisboa, Estampa, 1 973 . 5.

ENGELS, Friedrich. *A dialética da natureza*. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1976.

LENIN. VOLUME XIII .Trabalhos Colecionados Volume XIII. Editora: International Publishers . 1927.

MARCUSE, Hebert. *Raizão e revolução*. Madrid: Alianza. 1994.

MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando*. São Paulo, 2009.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Moraes, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Alpha-Omega, [s/d]. 1 v.

PAIXÃO, Alessandro Ezequiel da. *Sociologia Geral*. Curitiba: Intersaberes, 2012.

RIBEIRO, Carril. *Teorias Sociológicas*. Curitiba: Intersaberes, 2016.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

SARTRE, Jean Paul. *Situations X. Politique et Autobiographie*. Paris: Gallimard, 1976.

SUCUPIRA Luiz Cavalcante. Introdução ao pensamento dialético. São Paulo: Alfa Ômega, 1983.

TREIN, Franklin. *Hegel e a dialética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

VOLPE, Delia Galvano. *As chaves da dialética histórica*. Buenos Aires: Proteo, 1965.

ZELNY, JOHN. *A estrutura lógica do O Capital de Marx*. México: Grijalbo, 1974.

Submetido em: 12/05/2020

Aceito em: 15/01/2021

Publicado em: 02/02/2021